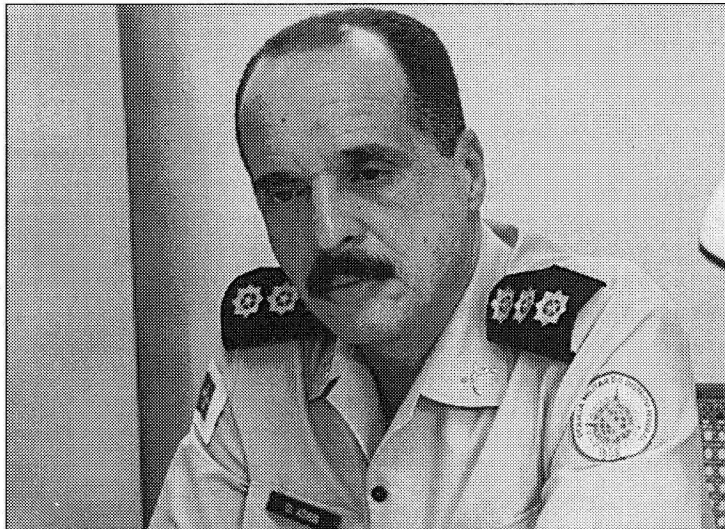


Corregedoria pede que PM afaste mais três soldados

A Polícia Militar já sabia das acusações feitas contra o tenente Hermann Krause. A corregedoria da corporação já havia aberto três inquéritos contra o oficial, acusado de ter torturado seis moradores da Candangolândia e ter assassinado um outro. As primeiras denúncias chegaram ao órgão da PM em setembro do ano passado, entretanto, o afastamento de policiais só foi decidido pelo comando após o caso se tornar público, com as denúncias feitas pelo presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Nilmário Miranda (PT-MG), na última quinta-feira.

“Faltava algumas provas, que foram apresentadas pelo deputado”, explica o relações pública da PM, major Cesó Daier. Ao que tudo indica, a Comissão de Direitos Humanos turbinou o trabalho de investigação da PM. Ontem, o coronel Renato Azevedo, corregedor-geral, afirmou que solicitou ao comandante-geral da corporação, coronel Antônio Ribeiro, o afastamento de três policiais envolvidos nas acusações de torturas. “Conseguimos indícios de que eles estavam envolvidos”, infor-

Policiais são acusados de ajudar o tenente Krause a torturar seis jovens da Candangolândia, com passagem pela polícia



Coronel Renato, corregedor-geral: “Conseguimos indícios”

mou. Sobre os três inquéritos movidos contra o tenente Krause (assassinato, agressões e invasão de residência), abertos desde aquela época, Azevedo disse que vai enviá-los ao Ministério Público pedindo mais prazo para concluí-los. A legislação diz que o inquérito deve ser terminado no prazo de 40 dias, mais 20 dias de prorrogação. Terminada a data,

deverá ser enviado ao MP.

O coronel reclamou da dificuldade enfrentada pela Corregedoria é que as testemunhas não compareceram para prestar esclarecimentos, quando intimadas pela PM. “Apenas um compareceu aqui”, disse.

Não é difícil entender porque os rapazes, com idade entre 19 e 26 anos, preferiram

comparecer à Comissão em vez de esclarecer os fatos perante um coronel. A maior parte dos envolvidos tem passagem pela polícia, de acordo com a PM. A Corregedoria, que funciona no SIA trecho 4, mais parece uma guarnição comum da PM do que um órgão preparado para receber denúncias contra policiais. Quem faz a recepção é um soldado. O emblema da corporação está estampado em vários locais do prédio. Ao subir as escadas fotografias de antigos corregedores encaram os visitantes. No local, o que mais se vê são fardas.

Diante de uma corporação, que ainda assusta pessoas que sequer se envolveram em ocorrências, seria difícil alguém com ficha na polícia denunciar militares por maus tratos, torturas ou qualquer outro tipo de crime, em um local onde tudo lembra a autoridade policial. Ainda assim, o coronel Azevedo afirma que não há razão para temores. “Garanto pelo trabalho que realizamos aqui. Pela lisura e seriedade com que lidamos com as denúncias”, informa.

JASON PASCOAL

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Geraldo Magela